

TRIBUNA Livre

10
AGOSTO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LAGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Acreditamos na Razão Os Vinhos Verdes

Nos últimos dias do mês de Julho findo, encerrou-se um caso que foi o mais doloroso e apaixonante de quantos se terão vivido nestas terras que viram nascer D. Gualdim e enamoraram Sá de Miranda.

Se alguém quizer hoje, com senso e imparcialidade, rever os acontecimentos e os homens, terá de concluir que pontificou o lado que no caso vertente oferecia melhores condições. Sentir-se-á tranquilo de consciência, se-

reno de ânimo, de bem consigo próprio e com os demais. Terá para com a sociedade um aceno de simpatia.

Dir-me-ão que assim não entenderá a parte oposta. Engano, digo eu, puro engano. Mais tarde ou mais cedo os homens são dominados pela Verdade, deixam que em si vença a força da Justiça. A uns, mais depressa que aos outros chega este sentimento, mas no fim chega a todos.

Feliz, portanto, a sociedade, quando vence a melhor causa. Felizes até os vencidos, se vencidos há em desenlaces de tal género.

O que é preciso é que os homens, quanto mais cedo possível, deixem o coração serenar e fazer um exame despedido de paixões. Que li-

(Continua na 6.ª página)

A CARREIRA DE

Peixoto Alves

Decorre a Volta a Portugal em Bicicleta. Nela vem tendo, como era de esperar, brilhante comportamento, o Benfiquista Peixoto Alves.

Por isso e pelo seu passado a imprensa tem feito largas referências à sua carreira como ciclista. Poucos sabem, porém, que Peixoto Alves iniciou a sua carreira nos «Leões de A MODELAR», a imprensa proprietária deste jornal, que possui um grupo ciclista para populares, do qual têm saído este e outros dos grandes do ciclismo nacional.

COMO DEVEM SER

as nossas casas

Aqui há tempos um amigo meu levou-me a visitar a grande organização comercial que dirige. Melhor: levou-me a visitar o seu gabinete, amplo, bem mobilado com móveis de estilo e de preço, uma carpeta luxuosa, bons candieiros e um optimo aparelho de temperatura artificial. Ao lado, o gabinete em que se realizam as assembleias gerais (não sei se uma vez por mês, se uma

Embora neste momento todos os nossos olhares e anseios tenham de ser em direcção à unidade da Pátria que atravessa um dos mais duros momentos da sua velha história, acho oportuno dizer aqui algo sobre um dos mais graves pro-

blemas nacionais. — O Problema da Lavoura.

É angustiosa a situação da Lavoura, que embora oficialmente reconhecida e aceite, ainda não foi nem será tão cedo definitivamente resolvida, porque envolve um esforço pa-

NÃO PERCA A OPORTUNIDADE

dumas boas férias

Depois de um ano inteiro de trabalho justificam-se plenamente alguns dias e até algumas semanas de descanso.

Convém sob todos os pontos de vista, sem esquecer o da saúde, que é, afinal, o

mais importante, que à monotonia do cenário da vida de todos os dias se suceda o salutar horizonte duma actividade nova e diferente. Quinze dias de férias no campo ou na praia, quinze dias ou mesmo mais de regresso à paz da Natureza e da vida simples sem etiquetas e salameques mais ou menos hipócritas e quase sempre interesseiros, rejuvenescem, enchendo o espírito de optimismo criador, de forças, para mais um ano de trabalho útil em benefício próprio e da colectividade.

É portanto conveniente que o alto significado das férias não seja desvirtuado e não se transforme em novo foco de aborrecimentos, de contrariedades e de excitação. O mais aconselhável é a vida simples, no campo ou na floresta, junto da amiga árvore, confraternizar, digamos, com os elementos; a ouvir o canto das aves, ou a canção dolente do mar. Há mil encantos da Natureza-Mãe que nos são oferecidos de graça bastando tão-só, para os descobrir que

Continua na 4.ª página

(Continua na 6.ª página)

CARTA DE LAGO

AOS LEITORES DE

«MARIA DA FONTE»

Publicou o jornal «Maria da Fonte» na «Voz de Amares» do seu n.º 56 (18.ª série) de 28-7-63, uma referência à freguesia de Lago, Amares. Como a dita referência diz coisas falsas e mal intencionadas, ao menos na aparência, achei oportuno esclarecer os

estimados leitores de «Maria da Fonte».

1.º Até 1955 a festa do Senhor da Saúde realizou-se indiferentemente em Julho, Agosto, Setembro, e, às vezes, mesmo em Outubro.

Continua na 3.ª página

ra que a Nação não está preparada nem o momento é oportuno. Os problemas da rentabilidade da terra e dos trabalhadores agrícolas são de tal vastidão que cada um ronda a casa dos milhões de contos. A estimativa para o abono de família aos trabalhadores agrícolas foi calculada em um milhão e meio de contos. Urge no entanto serem tomadas certas medidas protectoras aos produtos agrícolas, para que o lavrador possa melhorar a sua classe, em defesa dos trabalhadores rurais. É necessário e urgente que o que se passou com os cereais, que, mercê dum tabelamento, ofere-

(Continua na 5.ª página)

D. Maria Antónia Pereira de Moraes Bacelar Ferreira

Confortada com os Sacramentos, faleceu na Póvoa de Varzim, à Praça do Almada, 54, onde residia esta bondosíssima senhora que suportara com a maior resignação cristã o seu longo sofrimento.

Deixou ficar mergulhada na mais profunda dor toda a sua família da qual se destacam seu marido Ex.mo Sr. Dr. José Luis Ferreira, Professor do Liceu aposentado, seus filhos Ex.mos Sr.as D. Maria José, D. Herminia (Mãe Bacelar, da Congregação das Irmãs de S.ta Doroteia) e Virginia Pereira de Bacelar Ferreira, professoras, e Ex.mos Senhores Dr. Eugénio Bacelar Ferreira, Secretário Geral do Governo Civil de Braga e Francisco Pereira de Bacelar Ferreira, Conservador do Arquivo da Câmara Municipal de Braga; e irmãs, as Ex.mas Sr.as D. Maria Amélia e D. Maria Elisa Pereira de Moraes Bacelar.

O seu funeral realizou-se na passada 4.ª feira, dia 7, com saímento às 11 horas da residência para a Igreja Matriz, onde houve ofícios e missa de corpo presente, e daí para o jazigo de família, no Cemitério Municipal, da quela Vila.

«Tribuna Livre» apresenta à família enlutada a expressão do seu maior sentido pensar.

AONDE O IDEAL ?...

Através destes campos, p'los atalhos,
Sinto-me triste a vaguear sózinho;
E se me sento à sombra dos carvalhos,
Fico-me a olhar o vencido caminho!

Ficam nele ilusões feitas frangalhos;
Sinto mais viva a dor d'agudo espinho...
Mas revejo também dias mimalhos,
Dias d'esp'rança e ansias de carinho!

Mas logo me levanto e avante sigo!
Espinhos! Ilusões!... Ó sonho amigo
Tão depressa tornado pesadelo!

Ó atalhos dos campos verdejantes,
O cristalinas fontes murmurantes,
Apontai-me o ideal, eu quero vê-lo!

U E R B A

TRIBUNA FEMININA

PORQUÊ?

Tive de esperar na bicha. Havia espelhos com raparigas desenhadas semivestidas a vermelho. Estúpidas e sorridentes e em poses ridículas.

Vitrines pequenas com cachimbos e cigarreiras; lotes de revistas de capas berrantes, maços e maços de tabaco; charutos; cautelas, imensas gravuras pelas paredes, a divulgar esta ou aquela marca. Todas com raparigas sorridentes e... desenhadas.

E havia pessoas.

Os empregados, grupos de 3 e 4 homens a conversar (em cada grupo só um é que falava e a bicha.

Eu também estava lá. Queriam uma folha de papel selado.

A minha frente estava uma rapariga de cara miudinha e desgraciada:

Um rabo de cavalo, insignificante, uma saia usada, um casaco cortinho com uma pele quase sem pêlo. Uns sapatos horríveis.

Que lábios fininhos ela tinha! E as unhas..., muito mal pintadas!...

— E amenina.

— Eu, eu... (engasgou-se) é que tenho aqui uma cautela. (E procurava-a nervosamente no bolso) cá está. Terá alguma coisa?

Ficou muito vermelha e voltou-se para mim.

— Sabe, se tivesse, ia buscar o meu namoro que está no Semide (ela pronunciava assim) e levava-o para uma boa clínica. Se ele se curasse...

— Sorri para ela — pode ser...

— E a menina que deseja (era o empregado).

— Uma folha de papel selado.

— A outra ficou a olhar a cautela que ele pousou no balcão. Quando me trouxe o papel ela começou tímidamente uma pergunta.

— Então...

— Não tem nada, não tem nada.

— Ah...

Pegou na cautela, meteu-a ao bolso, aconchegou o pescoço com a pele do casaco.

E deu uma abanadela ao rabo de cavalo.

Foi-se embora.

Eu fiquei a fantasiar.

As visitas ao sanatório, as cartas, a esperança de coisas vagas. Os lábios fininhos com um baton barato a sorrirem ao namorado doente.

E depois da semana de trabalho.

Economias para coisas para ele: fruta, um romance de amor em segunda mão, revistas antigas, um chocolate...

Fiquei a gostar dela.

Devia ser grande na sua pequenez.

E aquela coisa de ela me ter dito o que sentia, agradou-me.

Deixou de ser apenas uma pessoa.

De vez enquanto lembrava-me dela com pena.

Até que nunca mais pensei no assunto.

Um dia destes via na baixa.

Tinha os lábios mais pintados e o cabelo às manchas louras e castanhas.

Ia ao lado um velhote sordido que lhe dizia qualquer coisa coisa que a fazia rir muito. — N. Henrique Poças

TORTA BONITA

250 gr. de farinha peneirada; 175 gr. de manteiga; juntar uma colher de chá de fermento, 1 colher de sopa de açúcar e 1 gema.

Meta na torneira e com um garfo faça uns pequenos recortes na beira superior a toda a volta.

Pincelar com gema e meter no forno.

Depois de pronto encher com creme pasteleiro e enfeitar com frutas cristalizadas. Pincelar tudo com geleia derretida em banho-maria.

A volta da torta passar uma fita que remata com um laço,

NÃO DIGA...

Quantas vezes, a leitora irritada com o seu filho lhe diz que ele não tem vontade, quando manifesta desejos diferentes dos seus.

Ora a criança, como toda a gente tem direito de escolher, de ter a sua própria vontade, que, sempre que possível deve ser respeitada. Preferir continuar a brincar a ir para a cama; preferir um bolo bonito a um outro de maior valor nutritivo; preferir brincar com os companheiros a brincar sozinho no quintal, enfim manifestar os seus gostos, é muito natural.

A leitora cabe explicar porque não deve ser a vontade da criança a ser satisfeita, e convencê-la disso. Imposições nunca destroem a personalidade, a vontade de querer e escolher e levam a criança a supô-la injusta e tirana.

E sabe, para si é motivo de orgulho um filho que sabe escolher e tem vontade.

A sociedade de hoje está cheia de indivíduos que falham precisamente porque não tinham vontade própria. Desenvolver a educação da vontade na criança é esboçar a personalidade do adulto.

A Beleza da mão

MASSAGENS

PARA ACTIVAR A CIRCULAÇÃO

Aplique-se o creme, fundindo-o por meio de leves pressões em movimentos descendentes, que partirão das pontas dos dedos até ao pulso. O movimento é sempre executado de cima para baixo.

PARA MANTER A FLEXIBILIDADE DA MÃO

Com o polegar, exercendo pressão firme, esbocem-se espirais a partir da base dos dedos para o pulso, fazendo com esse movimento, mover a carne sobre os ossos.

PARA EVITAR A RIGIDEZ

Segure cada um dos dedos entre um outro dedo e o polegar da outra mão e accione sem violência, mas com firmeza, todas as articulações.

Culinária

Arroz de Peixe

Num bom refogado de azeite, cebola, alho e salsa picada, e tomate, deita-se uma concha de água. Limpa-se o peixe de peles, e espinhas, parte-se aos bocados, que se lançam no molho, e deixa-se ferver um bocadinho. Tira-se para fora e acrescenta-se então a água necessária. Deixa-se levantar ferverura, torna-se a deitar o peixe, junta-se o arroz, um pouco de açafrão e sal; tapa-se e mete-se no forno, onde coze sem se lhe mexer. O arroz ficará, assim, perfeitamente solto.

Filetes Dourados

Enrolam-se os filetes de peixe ou bacalhau, já preparados, prendem-se com um palito e colocam-se num prato de forno. Cobrem-se com um copo de leite quente, temperado com sal e pimenta, juntam-se dois ovos bem batidos e levam-se ao forno a dourar, por meia hora.

Jornal Feminino

DA MULHER PARA A MULHER

A companheira de todas as horas

Uma revista feminina que os homens gostam de ler sai aos dias 1 e 15 de cada mês

Redacção, Administração e Publicidade:

Rua D. João IV, 904 Telef. 30796 PORTO

Vende-se em todas as tabacarias, se deseja ser assinante, escreva para a direcção acima, ou para a Redacção deste jornal



(Tailluer)

Para as manhãs ou noites frias é necessário um «tailluer» confortável.

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

Aos Leitores de «Maria da Fonte»

(Continuação na 1.ª página)

Tenho diante dos olhos uma notícia publicada no Diário do Minho pela qual vejo que nesse ano a festa se realizou em 28 de Agosto... Só depois de 1955 as festas passaram a fazer-se habitualmente no 3.º domingo de Julho, porque o pároco resolveu, de harmonia com a lei eclesiástica, exercer efectivamente a presidência de todas as comissões e tomar as providências necessárias para que a festa se realizasse sempre no dia até então teoricamente tradicional.

A população das freguesias vizinhas não fazia realmente diferença qualquer mudança, porque vinham à festa quando ouvissem o fogo anunciá-la... Geralmente não havia editais e as festas eram habitualmente pequenas salvo uma ou outra excepção.

2.º Em 1963 a festa do Senhor da Saúde, de Lago, passou a fazer-se no 1.º domingo de Julho, porque os Senhores Paulo Gomes da Rocha e António Gonçalves de Barros, de Lago, Amares, organizaram uma excursão a Fátima e outras localidades, para os dias 20, 21 e 22 de Julho, sem repararem que o dia 21 era o 3.º domingo de Julho. Só depois de terem dado o sinal do alugar dos tres autocarros, alguns dos excursionistas avisaram que não podiam ir por a excursão coincidir com a festa do Senhor da Saúde. Vendendo-se na contingência de perder os respeitáveis escudos do sinal, por causa do forçado adiamento da excursão os referidos organizadores vieram pedir ao Pároco o favor de mudar o dia da festa, a fim de lhes poupar os ricos escudos dados como sinal do aluguer aos proprietários dos autocarros. Vendo os apertos dos chefes da excursão, o Pároco deixou-se mover, consentindo no adiamento da festa, mas disse-lhes que a mudança, a fazer-se, seria para o primeiro domingo de Julho, e seria definitiva, porque todos os domingos são dias do Senhor da Saúde e o 1.º domingo do mês é preferível por ter ligados a si os confissões da 1.ª sexta-feira. E assim aconteceu. Não foi, pois, o interesse dum só pessoa a causa da mudança do dia da festa. Mais ainda: a pessoa visada nem perdeu nem ganhou, a não ser que entendamos ser lucro suportar um confesso só em vez de dois como era dantes...

Mas o queixoso—único assinante de «Maria da Fonte», cá de Lago—como não se confessa, nem vai à missa, nem dá habitualmente nada para a festa... julgo que

também não perdeu nada, a não ser uma boa ocasião de estar calado...

3.º Discordar da «formação das comissões da festa» não me causa admiração porque o tal assinante, único interessado na «inclusão de notícias da freguesia de Lago» na «Voz de Amares» só concordaria com a formação de comissões que fiquem com os saldos como fez o «compadre» dele em 1947, ou que não paguem aos fogueteiros e nunca prestem contas, como a comissão de 1954. Comissões que obedecem ao Pároco, mesmo formadas por homens dos mais honestos da freguesia, como a deste ano, não agradam ao «filho» desta terra...

4.º O costume introduzido a partir de 1956, de o Pároco além de presidente, ser também o tesoureiro mor da comissão da festa, e de cada comissário ser tesoureiro ou secretário conforme as necessidades, ocasionalmente, foi motivado por dois factos tristes e bastante frequentes: de alguns comissários pensarem que toda a receita, mesmo dos santos, é para utilidade própria, e nunca mais darem contas; e de outros comissários fazerem encomendas sem a comissão e o seu presidente serem ouvidos dando assim origem a déficits e desordens.

De resto os homens nomeados para a comissão deste ano, por exemplo, serviram todos, da melhor boa vontade e toda a gente de juízo reconhece que o pároco tem razão e não se admira de ele, às vezes, fazer de secretário.

5.º Dizer «que se nota o declínio progressivo do valor e importância da festividade» é a última e talvez a maior asneira desta «colaboração» na «Voz de Amares». Vejamos: Antes de 1956 os andores na procissão seriam duas, três, e, quando muito, quatro padiolinhas, mal arranjadas. Temos o exemplo no velho andor do Senhor da Saúde.

Agora são dez, e mais, do que há de melhor, ornamentados a flores naturais, e por armadores, a despiques!

Dantes, para conseguir uma dúzia, ou duas, de figurados, era preciso a comissão pedir às famílias... Hoje aparecem cinquenta ou sessenta, apesar de o Pároco não aceitar crianças com menos de 6 anos!..

Outrora, no sábado, os comissários andavam a pedir sós, ou acompanhados de três ou quatro tamborileiros embriagados; este ano, como nos anteriores, andaram com a Charranga de Gaiteros da Barca.

A Banda de Música de Amares percorreu a freguesia no domingo e prestou assis-

Festa de S. Pedro Fins

Decorreu muito animada e sem a mínima nota discordante, a imponente Romaria a S. Pedro Fins. O Monte estava cheio de gente. Milhares de forasteiros subiam e desciam a encosta, autêntico formigueiro de devotos deste milagroso Santo, a cumprirem as suas promessas agradecendo a S. Pedro,

tência aos actos religiosos. Potentes instalações sonoras prestaram serviço durante vários dias. Houve novenas, confissões, e, no dia da festa, o número de forasteiros deve ter sido o maior, visto que as esmolas no prato, na capela, somaram a maior quantia de há dezoito anos para cá!...

Como vêm, amigos leitores, as notícias de Lago na «Voz de Amares» começaram mal.

5.º O colaborador de Lago, no «Maria da Fonte» deve gostar de comissões como a de 1953... Quiseram fazer arraial noturno, puzeram 600\$00 cada um, o Pároco teve de ficar sem duzentos e tal escudos da importância gasta com o clero assistente, e nenhum dos comissionados quis voltar a ser nomeado!... Bonito? Oh! que bonito!! E no ano seguinte, a comissão não quiz ficar atrás, pediu liberdade de acção... Resultado: várias entidades a gemer pela falta do pagamento das ricas coróinhas. Isto passou-se em 1954, e as contas ainda estão por fazer!...

Em 1958 vários cavalheiros de Lago e Bico garantiram-me que a receita do bazar foi superior cerca de duzentos escudos à importância entregue, nas contas finais. Mas o presidente da comissão, nem foi secretário nem tesoureiro no bazar.

6.º Para esclarecimento dos leitores bem intencionados posso informar que nenhuma comissão, de 1956 para cá, teve de pôr, do seu bolso, um centavo para a festa. O orçamento e o programa são elaborados na presença de toda a comissão reunida, tomando como base a receita arrecadada ou prevista como certa. O saldo, se houver, é para reparações da capela, dos andores paroquiais e para comprar algum objecto útil ao culto.

Assim, no ano passado, comprou-se um grupo de castiçais velas automáticas e um crucifixo para o altar do Senhor da Saúde. Este ano comprou-se uma capa, de cor verde, para completar o jogo de paramentos desta cor.

Enfim: se o correspondente de «Maria da Fonte» quiser mais algumas informações, dar-lhas-ei da melhor boa-vontade.

Vosso J. Moreira

C A I R E S

De Visita

Teve a gentileza de visitar a nossa Redacção e apresentar cumprimentos de despedida, o nosso amigo e estimado assinante senhor José Rosadas Peixoto, Sub-chefe da Polícia de Segurança Pública, em Tomar.

Depois de gosar um período de férias, na sua residência em Fiscal, regressou à sua actividade profissional aquele ilustre visitante.

Pelos C. T. T.

Tivemos conhecimento, através da lista Publicada no Diário do Governo, da classificação para 2.º Oficial dos C. T. T. da Ex.ma Senhora D. Ana Rosa Tinoco Silva, Chefe da Estação de Amares.

Apresentamos-lhe os nossos parabéns.

Leia, Assine

Publique na
«Tribuna Livre»

Festa de N. Senhora das Angústias

Terminaram no passado domingo, dia 4, as festividades em honra de Nossa Senhora das Angústias, realizadas dentro do programa já publicado neste jornal.

Salvé 14-8-63

Passa na próxima Quarta-feira dia 14 do corrente, o seu aniversário natalício, a senhora D. Deolinda de Jesus Rodrigues da Silva, residente em Mem-Martins Lisboa.

Por tão alegre data seu marido, filhos, pais e restante família desejam-lhe muitas felicidades e que esta se prolongue por muitos anos na companhia de seu marido e filhinhos.

DE VISITA

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa redacção, onde veio pagar a sua assinatura o nosso particular amigo e assinante deste Jornal o Snr. Agostinho Egidio Pereira Veloso natural do nosso concelho e residente em Lisboa.

O nosso sincero muito obrigado pelo trabalho e despesa que nos poupou.

Revestiram-se, este ano, dum brilho bastante superior ao dos anos anteriores, para o que muito contribuíram os devotos de Nossa Senhora, quer de fora, de longe ou perto, quer os filhos desta terra que se encontram noutros mundos, labutando para engrandecimento da sua terra natal. A todos o nosso «bem hajam».

Foram muitas as ofertas em dinheiro, ouro e figuras do feitio em cumprimento de promessas, o que bem atesta

Continua na 4.ª página

Ver mais Notícias do Concelho na página seguinte

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—O Senhor Américo Raul Pereira.

Segunda-feira—O Senhor José Cassiano Gonçalves de Macedo.

Quarta-feira—As Senhoras D. Estela Arantes Menezes e D. Berta Gonçalves Leite.

Quinta-feira—O Senhor António Ramos Leite de Azevedo.

COMO DEVEM SER AS NOSSAS CASAS

(Continuação da 1.ª página)

de contabilidade, nem nos de caixa—não havia um sinal de preocupação de métodos modernos de trabalho, eficiente e práticos.

A saída, o meu amigo pediu-me a opinião sobre o seu estabelecimento. Eu tenho confiança com ele, e além disso pareceu-me que também tinha o dever de lho dizer:

—Que tal me parece o teu escritório? Pois, com franqueza, lembrou-me a história do fogareiro de barro.

—Do fogareiro de barro?

—Sim. Tu lembras-te do Luciano? Não lembras. Também não tem importância. Talvez ele não se chamasse Luciano... Pois o Luciano, quando se casou, comprou uma riquíssima mobília de casa de jantar, estilo Renascimento, com talha perfeitíssima; comprou louças das melhores marcas, talheres de prata que eram peças de museu, cristais maravilhosos; mas na cozinha tinha um fogareiro de barro.

—Para assar sardinhas não conheço melhor.

—Não era para assar sardinhas. De resto, para assar sardinhas, o melhor é a fogueira feita no chão, em pleno campo. Mas o Luciano não tinha o fogareiro de barro para assar sardinhas, tinha-o para toda a comida. E porquê? Porque, dizia ele, que necessidade havia de gastar dinheiro em fogões caros? As vizitas não iam à cozinha...

Ora aqui está um dos defeitos mais comuns entre os portugueses: a preocupação dominante com as visitas, com o que se lhes apresenta, com o que elas dizem, com o que elas podem ficar a pensar. Suponho que o mal nasceu nas cidades, no contacto com as pessoas que podem, ou que podiam dar-se ao luxo régio de ter muitas salas: uma para estar, outra para receber, outra para bordar, outra para o almoço, outra para o jantar, outra para dormir, outra para vestir, outra para pentear. É certo que nós percorremos hoje palácios onde viviam os reis e verificamos que o luxo entre eles não era tanto como parecia cá fora. O adjectivo «régio» tem aqui uma intenção malévola, mas isso não importa para o caso. Havia certamente quem dispusesse dessa variedade de casas — não seriam os reis, mas havia quem... Com o reflexo dos hábitos das classes superiores nas classes inferiores e com o mau sentido de ascensão destas às aparências mais vistosas das outras (e não de ascensão às realidades mais sérias e mais úteis) criou-se uma espécie de vício exibicionista em que se manifesta mais a vaidade do que o gosto natural da hospitalidade. Noventa por cento das donas de casa que dormem num quarto interior e comem na cozinha, se lhes dessem uma lista de meios de satisfação das suas

necessidades, não principiariam por um quarto arejado, nem por um bom esquentador, nem por uma boa máquina de lavar e secar a roupa, nem sequer por um bom fogão. Prefeririam a mobília de casa de jantar, embora continuassem a comer na cozinha; prefeririam a mobília de sala, arrumada no quarto fechado, para quando viessem visitas; prefeririam a mobília de escritório, para o marido receber (teóricamente) os seus amigos. Isto é: prefeririam mobiliário inútil para casas que só funcionam para os outros, embora fosse permanente o encargo de as limpar.

Quem estudar atentamente as melhores casas de habitação portuguesas, verificará que este vício foi adquirido, porque não se lhe conhecem no passado manifestações significativas. A antiga habitação do português — do homem do povo simples, ou do elemento já qualificado, mas que vivia ainda na aldeia — tinha fundamentalmente uma casa de estar, uma cozinha e os quartos. No Sul, a casa de estar era a própria cozinha, espaçosa, com a lareira ampla, onde a família podia reunir-se nas longas noites de inverno.

Tenho a impressão de que o estilo de vida dos novos tempos, com uma preocupação de casa ao mesmo tempo agradável e funcional, levará à eliminação dos compartimentos dispensáveis e, com a supressão progressiva do pessoal doméstico, ao melhor aproveitamento dos outros, à modernização utilitária das cozinhas e das casas de banho. Conviria, porém, que estas coisas se fizessem, conciliando as exigências do útil com a alma própria das coisas que fazem parte da nossa vida — e as nossas casas fazem parte da nossa vida. Quase sem dar por isso, achei-me a pensar no aspecto exterior das nossas habitações.

Em rigor, não podemos considerar que haja uma separação radical entre o interior e o exterior das casas — como entre o íntimo e a aparência das pessoas. Diz-se que Goethe era feio e que alguém lhe perguntou um dia:

—Como é que você, sendo feio, tem uma tal expressão de rosto, que nos parece irradiar beleza?

E Goethe respondeu:

—É muito simples. Basta pensar sempre em coisas belas.

Pois as casas exprimem sempre por fora, em qualquer pormenor, a alma que vive dentro delas. Mas não é nessa alma que eu estava a pensar. Era no próprio tipo de construção, que às vezes é nota dissonante na paisagem, senão verdadeiro atentado. É que, tal como as condições geográficas moldaram o homem da região, dando-lhe qualidades e características próprias, as mesmas condições criaram o tipo de habitação. Não é por capricho que as casas das re-

giões de neve tem os telhados muito inclinados e que as habitações do Algarve têm açoteias em vez de telhados.

Um dos vícios mais correntes do nosso tempo, na construção das habitações por esse país fora, consiste precisamente em copiar modelos americanos, tão abundantes nas revistas de construções e decorações, em vez de respeitar a linha canónica da paisagem. Eu sei que o caso não é só nosso. Quem tenha passado por outras cidades, principalmente as reconstruídas depois da guerra — como é, por exemplo, o caso de Rotterdam — fica chocado com a falta de personalidade que apresentam. Serão cidades da Europa ou da América? Estamos na Dinamarca ou na África do Sul? É confrangedor.

Estive há pouco no Carmulo, onde assisti à inauguração da Estalagem de S. Jerónimo. Encontrei lá vários motivos de encantamento, além da seira: o Museu de arte onde há as únicas representações que temos em Portugal, de alguns grandes artistas — cito só Salvador Dalí e Picasso; o museu de automóveis — que é a resposta moderna ao Museu dos Coches; o maior aviário do país — 12.000 galinhas. E encontrei perfeitamente de acordo com a paisagem desafiada e grave, uma construção moderna em que jogam perfeitamente os elementos tradicionais da construção local, desde o granito até à cobertura de telha preta. Devo dizer que o bom gosto da decoração interior corresponde inteiramente ao mais alto nível do aproveitamento de valores tradicionais e das comodidades modernas. A Estalagem de S. Jerónimo é uma lição a aproveitar.

Há pouco tempo, a Junta de Colonização Interna apresentou uma das aldeias que refez — Vila Verdinho, em Trás-os-Montes — dando-lhe o máximo dos benefícios da civilização, sem lhe destruir a típica feição serrana. Outra lição a aprender.

Com tudo isto me alonguei, sem exprimir a conclusão destas observações. E será ela necessária? Não estará a meter-se pelos olhos dentro?

Optimo alimento para os animais

Grainha de Uva limpa e Sêca

Vende-se em conta, pequenas ou grandes quantidades, pode ser entregue ao domicílio.

Telefonar para o n.º 36104

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

CAIRES

(Continuação da 3.ª página)

Casamento

No passado sábado, casou-se na Igreja de S. Vicente da cidade de Braga, a nossa gentil menina Avelina Coelho, com o brioso jovem António da Silva Antunes, da Feira Nova.

Não faltou nada na Igreja nem no Escondidinho que serviu bem.

A este novo lar, dotado de óptimas qualidades, desejamos lhe um futuro grandioso e cheio de felicidades em Deus.

Gatequese

Agora que temos cá os estudantes em férias e que ficaram todos bem, felismente, temos diariamente a doutrina para todas as crianças das quais 50 já fizeram a sua primeira comunhão na festa de S. Pedro Fins.

Assim Deus nos ajude.

C.

Barreiros

(Continuação da 3.ª página)

as, graças recebidas por intermédio de Nossa Senhora.

Iluminação

Tem esta freguesia um ramal para distribuição de energia eléctrica e várias derivações, pelo que se encontram à margem da estrada municipal uns postes de cimento que bem mereciam umas lâmpadas para iluminação da mesma estrada e que atestassem a passagem do progresso por esta terra e, por tabela, a passagem do progresso pelo nosso concelho. Já em tempos foi prometida a colocação das mesmas mas, até hoje, foi colocada uma, no lugar do Carvalho, que, para ser ligada ou desligada, tem que subir

Reunião dos chefes de Secretaria dos Hospitais da Região de Braga

Em Vieira do Minho e Hospital Sub-Regional daquela Vila, no passado domingo reuniram-se os Chefes de Secretaria dos hospitais desta região.

A reunião que começou às 10,30, estiveram presentes senhores João Manuel Carvalho, de Vieira do Minho; Agostinho da Silva, de Vila Nova de Famalicão; António Matos Lima, de Barcelos; José Lopes da Silva, de Riba de Ave; João Batista Lopes, de Braga; Manuel de Barros, de Vila Verde; Cristiano António Lopes, de Póvoa do Lanhoso e António Batista Macedo Fernandes, de Amaral.

A reunião teve por objectivo esclarecer problemas relativos aos serviços administrativos hospitalares simplificação de internamento e tratamentos de doentes, bem como estudado o sistema de elaboração de inquéritos económicos e outros meios de Assistência.

Finda a reunião, por volta das 13 horas, foi servido todos os componentes, um almoço havendo em seguida um passeio turístico a toda a serra da Cabreira.

No cimo da serra e no local denominado «Talefe» houve amistosas palavras para com o chefe de Secretaria de Vieira do Minho, senhor João Manuel de Carvalho, organizador desta reunião tendo sido designado para próximo ano que este ajustamento de funcionários efectue no novo Hospital Sub-Regional de Vila Nova de Famalicão.

ao poste uma criança, para a apertar ou desapertar, conforme a queiram acesa ou apagada.

Pedíamos a quem de direito que, na medida do possível, nos concedesse esse benefício de que muito necessitamos.

C.

Que diferença há na idade para o amor

Que importa eu ter oitenta ou cem anos
Se o meu pobre estro apenas em ti coube?
E se eu aqui cheguei a vida roube
Tais pensamentos ruins, p'ra mim tiranos!

Se te vi louco e sonhei nos meus insanos
Desejos dalguém amar, é porque soube
Que nunca amor tão triste neste mundo houve
Merecer-te tal ideia os desenganos...

Se for eu o primeiro, meu ser que desça
Em breve à desejada sepultura.
E lá, quando a minha alma então padeça,

Que ressalte da terra que me cobre
Uma elegia grande e com tal agrura
Que ensine a viver o que por amor não morre!...

Cícero Dias

Os Vinhos Verdes

(Continuação da 1.ª página)

ce à Lavoura a segurança do Preço e da sua venda, e a confiança necessária para o lavrador investir na terra alguns dos seus pequenos recursos, se verifique com o vinho, sobretudo com o vinho verde, onde, diferentemente do que se passa com as restantes regiões do País, tudo corre à sorte sem protecção.

O que se está a passar é um tristíssimo reflexo da actividade da maioria dos organismos responsáveis que mais nada tem sabido fazer do que cobrar aos viticultores as avultadas taxas, exigir manifestos e aplicar multas, deixando o lavrador entregue à maior especulação, qual vítima indefesa.

Na verdade, e tal como as coisas decorrem, a maior desgraça que pode acontecer ao viticultor é ter uma boa colheita.

Os preços dos vinhos verdes — em 1962 a 7\$00 o litro, em 1963, — 1\$40, são bem a demonstração eloquente de que o viticultor vive sem protecção, vive abandonado.

Se comparar-nos este estado de coisas com o que se passa em todas as classes nacionais, que vêm subir constantemente os salários, e os seus produtos, as rendas urbanas e os ordenados, temos de concordar que é urgente salvar a lavoura, que é ainda a maior fonte económica da Nação.

O desenvolvimento industrial do País e substancialmente no que se refere aos produtos de que a lavoura necessita, não trouxe qualquer benefício à Agricultura nem veio amenizar a sua sorte. Alguns mesmo subiram de preço. A electricidade é caríssima nos meios rurais e até agora o fiel amigo «o bacalhau» que era o prato forte do lavrador é um luxo caro. Até a sardinha aqui custa \$50 cada enquanto as fábricas de conserva as recebem quase de borla. O que se passa com a presente colheita de vinho é uma autêntica tragédia. O nosso lavrador que ia ao produto da venda do seu vinho buscar o complemento necessário ao seu sustento, pagar a conta de um ano na mercearia, comprar o seu feto e até na maior parte dos casos era com o vinho que completava a penção ao senhorio, está a abandonar a terra e é já com dificuldade que se encontra um caseiro.

No comércio esta situação tem reflexos terríveis, sobretudo no momento difícil como o que atravessa. Não se pode admitir, que, seja com base nos preços de miséria dos produtos alimentares, o vinho, a batata, etc., que se haja de melhorar o nível de vida do trabalhador industrial e outros protegidos pelas leis do trabalho.

O definhamento dos meios rurais é latente, o exodo das populações rurais para as cidades e para o estrangeiro agrava-se dia a dia. Só as cidades

prosperam e a tão falada descentralização é um mito, enquanto se não solucionarem os problemas rurais.

O vinho precisa de protecção na produção, até porque o consumo é sempre o mesmo (vejamos o que se passou no ano passado) e grande parte do que à lavoura faz falta vai para a mão do intermediário, que compra à vontade.

Se alguma medida benéfica surge, como agora a que a Junta Nacional do Vinho em colaboração com a Comissão de V. da R. dos Vinhos Verdes, ela vem muito tarde, e só depois de o lavrador mais necessitado estar de tanga.

É de louvar a medida pelo espírito que a informa e porque o seu benefício é evidente tanto para o vinho da passada como o da próxima colheita.

Já não teremos de vender os nossos vinhos nas festas e romarias em cântaros de barro e ao copo como limonada, como já aqui aconteceu. Embora com preços baixos a medida é boa para começar.

Não pode ser. Este estado de coisas é incompatível quer com a categoria dos nossos vinhos verdes quer com o brio Nacional, quer ainda com a dignidade da Lavoura.

As medidas têm de ser radicais e não vejo a menor razão para que não sejam tomadas.

É com simpatia que vemos a Junta N. do Vinho vir até nós. A sua larga experiência e os benefícios que já espalhou pelas regiões sobre a sua jurisdição são um índice seguro de que só ela deveria ter a seu cargo a nossa região.

A colocação dos nossos vinhos não oferece problemas pela forma como são apreciados, em todo o país e nas províncias ultramarinas.

É preciso tabelar o vinho e a preço compensador.

O vinho de consumo deveria ser tabelado para já e pelo menos a:

2\$80 o litro o de 1.a
2\$40 » » » 2.a
2\$00 » » » 3.a

Teríamos desta forma um estímulo à qualidade. Sei que o tabelamento do vinho implica uma série de problemas que um simples despacho ministerial não pode resolver.

A meu ver, esses problemas resumem-se em:

- a) Armazenamento
- b) financiamento
- c) escoamento

Vou tentar resolver esses problemas sujeitando-me à crítica, pois o problema dos vinhos é assunto velho, e muito debatido. Arrisco-me, no entanto.

ARMAZENAMENTO

É um problema em que não vemos grandes dificuldades, pois que, além dos depósitos da Junta, e dos das adegas cooperativas que deveriam ser aumentados, todo o médio e grande lavrador o armazenaria, desde que lhe fosse garan-

tido o preço e assegurada a venda, num período que não deveria ser superior a 12 meses.

FINANCIAMENTO

Embora não seja grande problema, se considerarmos que está no tabelamento e no armazenamento a chave do problema. Esta parte seria resolvida pelo lavrador mais necessitado, com uma pequena redução de preço, autorizada, para os mais apressados, isto no caso da J. N. V. o não poder resolver, financiando directamente o lavrador, como já o vem fazendo nas outras regiões.

ESCOAMENTO

Este é o grande problema. Como tal vou tratá-lo com mais minuciosidade, pois é neste aspecto que há encargos a suportar.

Para este efeito, seria criado um fundo de compensação, como existe para os cereais;

Para esse Fundo o vinho contribuiria com 50\$00 em pipa, a sair parte do lavrador e parte do comprador.

Segundo os dados estatísticos a região dos vinhos verdes produziu nas duas últimas décadas 1940 a 1950 e 1950 a 1960, uma média de cerca de 400.000 pipas elevada nos anos bons a cerca de 600.000 pipas.

Também se verifica por esses mesmos dados estatísticos que os anos fartos são normalmente, de 3 em 3 anos.

Com estes elementos, verificamos que, a receita para este Fundo, seria da ordem dos 20.000 contos anuais.

Como o auxílio deste Fundo à face dos mesmos elementos só se tornariam necessários de 3 em 3 anos, teríamos 60.000 contos para fazer face a situações como a actual.

Ainda baseado nesses dados as 600.000 pipas trariam portanto um excedente de 200.000 pipas que seria necessário:

- a) A colocar em mercados internos ou no Ultramar;
- b) Armazenar;
- c) Escuar através do retardamento de venda da nova colheita ou antecipação em relação à anterior;
- d) Destilar.

Para avaliar os possíveis prejuízos, teremos de considerar, que este excedente, o que sempre fica retardado é o mais fraco — lei da abundância.

Assim teríamos:

50.000 pipas de vinho bom
50.000 » » médio
100.000 » » defeituoso

O vinho bom e médio traria algum encargo de colocação embora sempre fácil e compensadora no nosso ultramar onde a sua frescura é apreciadíssima.

O vinho defeituoso que seria destilado, teria também encargos porque conviria que devido ao seu baixo grau não fosse pago ao desbarato.

De qualquer forma os 60

Ronda pelo Ultramar

MACAU

Em plena Ásia, ao Sul da poderosa China, encontra-se uma das mais importantes cidades portuguesas, verdadeiro baluarte de grandeza histórica, civismo e de fé.

Com uma superfície de cerca de 15,5 km² e uma população de 200 mil habitantes, onde predominam naturalmente os chineses, Macau, apesar de terra pequena tem uma indústria muito desenvolvida, exportando inúmeros produtos para o resto do Ultramar e para o estrangeiro. Além da produção de vestuário, cuja produção anual atinge cerca de 60 mil contos, Macau produz e exporta ainda artigos diversos em couro e plásticos, botões, calçado, canela, chapéus, cigarros, conservas, espelhos, ferros de engomar, gelo, malas de canfora e fibra, papel, panchões, pimenta, pivetes, pomada para cabelo, guarda chuvas, vinho, etc. A produção de toda a sua indústria anda, anualmente, á volta de 300 mil

mil contos do Fundo dariam para uma subvenção por pipa da ordem dos 300\$00, que julgo mais que suficiente.

Mas há mais. Em caso extremo a contribuição poderia ser elevada a 75\$00 ou 100 escudos em pipa, o que resolveria definitivamente o problema, pois que, poderíamos fazer, como se tem verificado em alguns países.

Exportá-lo a preço irrisório destilá-lo ou então inutilizá-lo.

Tudo se faria sem dispendio para o Estado, e apenas com medidas de protecção.

Muito lavrador dirá que a contribuição é muito grande e eu direi que é muito pequena, para tamanho benefício.

Ela deveria ser dividida entre o viticultor e o comprador em partes iguais.

Na pior das hipóteses o lavrador pagaria 50\$00 para receber 700\$00, como se verifica no presente ano.

MEDIDAS DE PROTECÇÃO

Restariam ser tomadas certas medidas restritivas e de protecção, que além de outras deveriam ser:

PROIBIÇÃO de venda a público do vinho americano com multa de 1.000 escudos por pipa ou fração encontrada.

PAGAMENTO do vinho à Junta pelo comprador ao acto do levantamento da guia de trânsito.

RIGOROSA e suficiente fiscalização.

Com estas considerações julgamos ter contribuído de algum modo para a resolução deste magno problema.

Assim Deus lhe ponha a virtude, e os homens a realizem, porque eu dispenso o mérito.

Paulo Macedo

contos.

Para consumo dos seus habitantes e dos inúmeros turistas, Macau importa diversos artigos da China, do resto do estrangeiro e de Portugal. Produtos alimentícios, Gado, madeiras, matérias primas etc. são os principais.

A 4 horas de barco da colónia inglesa de Hong Kong, havendo carreiras diárias, Macau representa deste mundo conturbado, um papel de perponderância.

Diversos chineses procuram continuamente a liberdade ou uma vida melhor através de Macau. Nunca em tempo algum outra cidade teve o relevo de Macau em assunto de tal amplitude.

Batendo vários recordes no Mundo português, Macau tem ainda um outro recorde a assinalar: o número das suas escolas. Nada menos de 150 escolas, oficiais e particulares fazem parte desta minúscula cidade. Minúscula na área, mas grande, muito grande no papel que representa no continente asiático e no mundo. Nenhuma outra cidade do mundo se pode orgulhar da tarefa que ela tem representado desde que os portugueses ali aportaram há centenas de anos. Macau é uma luz. Que o seja eternamente.

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião—ano 50\$00
Semestre 25\$00
Barco,—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Estrangeiro

Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Telefone do serviço permanente dos Bombeiros Voluntários de Amares

6 2 1 6 2

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

Tribuna Desportiva

A BOLA E A RODA

Começam a aparecer números que, por vezes, tocam as raías do exagero. Na primeira etapa da Volta a Portugal em bicicleta, a equipa vencedora, a do Benfica, conseguiu a média impressionante de 45.183 quilómetros à hora. E na última notícia divulgada acerca das diligências para o regresso do treinador de futebol do Benfica, Bela Guttmann, soube-se que ele pede «apenas» cinco contos por dia, um automóvel e alojamento.

É evidente o bom nível do primeiro dos números referidos. Conseguiu a turma do Benfica um recorde da pista — julgamos até que um recorde nacional para provas daquela natureza.

Duvidamos, porém, de que o «avozinho Guttmann» — como carinhosamente era tratado o técnico húngaro pela massa associativa do Benfica — consiga estabelecer esse verdadeiro recorde de exoração que seria o seu contrato por cento e meio de contos mensais, para não falar já nos meses de 31 dias...

Para mais, parece-nos que Bela Guttmann se meteu num bom «31». Era até agora o velhote simpático, que, com a sua bagagem de bom técnico e as suas manhas de bom psicólogo, tinha conseguido guindar o Benfica ao primeiro plano internacional, acompanhando o grupo português na conquista de dois títulos sucessivos de campeão europeu — o que nos parece ainda mais importante — dando à equipa uma preparação mental que lhe permitia encarar com tranquilidade e com esperança os mais difíceis embates.

Era admirado e querido. Cada uma das suas passagens por Lisboa, na roda-viva que o levava a viajar entre a Europa e o Novo Mundo, era sempre acompanhada com interesse: os jornais continuavam a falar dele, as agências noticiosas eram solicitadas para informarem sobre o que ele fazia e dizia.

Fernando Riera, o chileno que sucedeu a Guttmann na direcção das equipas do Benfica, teve sempre contra ele a recordação que o «avozinho» deixara. Era como se tivesse casado com viúva bonita que em tudo só via recordações do primeiro marido...

A verdade — e agora começa a falar-se nela, pois já não é criticar-se Guttmann — é que o grande técnico húngaro soube abandonar o Benfica no momento preciso, no momento psicológico, quando a equipa, que fora «esprimida» já não tinha possibilidades de dar o mesmo sumo dos anos anteriores.

Guttmann sabia que Águas

Germano, os dois melhores elementos do Benfica, ariete do ataque e pilar da defesa, estavam liquidados como jogadores de categoria. E sabia igualmente que Santana não seria capaz de aguentar uma série de jogos «puxados». E que Coluna necessitava urgentemente de repouso. Tudo isto Guttmann sabia — e tanto que avisou desses factos os dirigentes do Benfica. O resultado foi a febre de compras que esses dirigentes mostraram, ultimamente, como senhores de dinheiro diante de montras da «Baixa».

Mesmo com os reforços que o Benfica obteve para este ano — e basta mencionar «Yauca», comprado do Belenenses, e Serafim ao Futebol Clube do Porto — Guttmann sabe que não poderá repetir os seus êxitos anteriores. E resolveu o assunto, propondo uma verba proibitiva: 150 por mês.

O clube a que está ligado, o Penafiel, foi bem mais modesto nas exigências para libertar o técnico: bastava-lhe que o Benfica, pagando as despesas, fosse a Monteviu disputar um encontro de futebol — cuja receita, certamente chorada, ficaria para o clube uruguaio.

Guttmann, porém, não quer vir. E por isso mesmo atirou ao Benfica com uma proposta que representaria, no primeiro ano, um encargo da ordem dos 2.000 contos, com 1.850 garantidos noutros anos — já que o automóvel seria um só...

É certo que se está na época dos recordes. É certo que se está na era do mais além em tudo quanto é (e não é) desporto. Mas dois mil contos num ano... Ai, «avozinho», «avozinho»...

Prossegue o campeonato de futebol de Lourenço Marques

Nos jogos disputados para o campeonato de futebol de Lourenço Marques o Benfica venceu o Primeiro de Maio por 2-1; e Desportivo derrotou Indo-Português por 5-1; o Ferroviário e o Alto Maé empataram sem golos e o Sporting bateu o Atlético por 3-1.

«Quarentinha» é Português, mas o Botafogo defende a sua posse

Se for contratado pelo Sporting, «Quarentinha» até poderá jogar pela selecção nacional portuguesa.

Descobriu o dr. Abrantes Mendes, representante do clube de Lisboa, que «Quarentinha» é filho de um português de Cabo Verde e veio para o Brasil com oito anos de idade.

O dirigente português — afir-

Não perca a oportunidade dumas boas férias

(Continuação da 1.ª página)

a nossa alma esteja tranquila e o nosso corpo não esteja doente.

Há quem tenha impressão de que para gozar umas boas férias é preciso muito dinheiro e como quase ninguém o tem, ei-los a ruminar tristezas em casa. No entanto umas pequenas economias tornariam viável uma permanência em qualquer aldeola, numa simples tenda ou num bom quarto modesto. A cigarra canta de graça para quem a quiser ouvir e não está provado que o luxo e as complicações culinárias façam qualquer bem à saúde. O que é preciso é descanso, descanso para o corpo, descanso para a alma!

Respire a plenos pulmões o ar puro dos bosques, das montanhas ou das praias, deixe o seu aparelho de rádio em casa e não se meta nos trabalhos forçados dos desportos em exagero e abandone-se à calma beatitude duma comunhão absoluta com a natureza. Aproxime-se da árvore, das flores campestres, da montanha, do mar e do sol. Descanse, não perca a oportunidade dumas boas férias!

ma-se tem intensificado as suas diligências para o possível contrato do jogador, mas, até agora, o director do clube carioca mostra-se irredutível: Renato Estelita não admite de forma alguma a cedência do «artilheiro» ao Sporting.

Nos Jogos Luso-Brasileiros Portugal em evidência

No encontro disputado entre a selecção portuguesa de hóquei em patins a selecção do Estado de S. Paulo, a primeira venceu por 14-1.

Os atiradores Portugueses em destaque

O atirador português Correia da Silva foi o vencedor da prova de carabina, deitado. Foi também outro português, José Caiola, o vencedor da prova de tiro com silhueta móvel.

O Brasil continua a vencer em Voleibol

A equipa representativa da Liga Santista de Voleibol venceu a selecção de Portugal dos Jogos Luso-Brasileiros por 3-0.

Os resultados parciais, nas três partidas, foram: 15-10, 15-10 e 15-12.

Em Basquetebol, Portugal consegue a primeira vitória

A selecção portuguesa de basquetebol, no encontro disputado contra a selecção do Estado da Baía, conseguiu a sua primeira vitória nesta modalidade, por 83-77.

Acreditamos na Razão

(Continuação da 1.ª página)

guem a finalidade a atingir pelo acto e conjuguem os dados que lhe puzeram na frente, e tudo será breve e claro.

Quando se pretende servir uma instituição buscam-se os melhores meios para que ela consiga os seus fins benéficos; quando se pretende engrandecer a reportagem de homenagem a uma individualidade, encimam-se com o nome dos presentes mais conhecidos, em regra os mais gastos e mais batidos.

São actos bem distintos e de diferente objectivo. No segundo caso, por burocracia e suplesse é uso que assim se faça e daí não vem mal ao mundo. Mas no primeiro há algo mais a defender que prende a nossa consciência e razão e não pode nem deve sujeitar-se a vaidades pessoais.

Nesse segundo caso há o estomago dos pobres, o sofrimento dos padecentes, o bem-estar da humanidade.

Há, pois, um mundo diferente e de grande importância.

A melhor solução implica o exame das pessoas pelo que deram de provas, pelo que são capazes. A sociedade não pode compreender que aquele que tem uma coisa sua muitos anos e a deixa ao abandono, por ela nada faz, se mostre interessado quando outrem aparece a dar-lhe o seu esforço. Não compreende que quem se

deixou sempre conduzir pelo marasmo se faça interessado por fazer algo naquilo que por largo tempo possui sem lhe dar qualquer assistência.

A sociedade prescusa, amansa e julga, e sabe julgar parece por vezes calar quando uma das suas facções vence sem ter por ela a razão. É, porém, engano, o mesmo engano é supor que o mal-estar onde pontifica a boa causa.

Felizes de todos quando a conclusão é assim. Como seria pior vencer, neste ou qualquer caso, para ter o reconhecer em noites de insónia que se causaram danos irreparáveis, os quais, mais tarde ou mais cedo pedem satisfação à consciência.

Surgiram-me estas considerações após diálogo tido com homem simples que me relatou uma conversa tida com activo elemento de parecer contrário, que apesar de tudo lhe confessou:

— Nós bem sabemos que são trabalhadores e sacrificam, sem eles nada se tinha feito nesta terra e quase nada no concelho.

Assim o entenderam e que decidiram. Assim não-de acreditar melhor quando daqui a um ano puderem fazer comparação a muita coisa.

Que até lá vença sempre bom senso e a razão onde quer que moram.

B. M.

Prece de ninguém

Bendita seja a memória eterna do Amor
Para quem a renúncia é lodo e mediocridade;
Bendito seja o pranto, bendita seja a dor,
Para quem o aí exangue e cruel do estertor
É toda a esperança numa Eternidade.

Bendito o copioso choro da desdita
Orvalhando a renúncia da caridade loução;
Bendito seja um beijo que sempre nos errita
Por nos parecer um facho ledado de luz bendita
Derramando os seus raios em cruz de benção.

Bendito seja o Sol, bendita seja a Lua,
Pai e filho dos Astros de todo o Infinito;
Bendito seja Cristo e a Pura Mãe Sua,
Para quem o pecado é a virtude que amua,
Para quem uma prece é um trono bendito.

Bendito seja a noite e mais quem na espia
Porque todos os cantos nos mostra um candil;
Benditos sejam aqueles que em melancolia
E ao redor daquela chama débil e fria
Buscam a paz eterna nas trevas de Abril.

Bendita as flores, benditos os passarinhos,
Tudo que a Natureza encha de cor e som!
Oh, bendita a miséria desses pobrezinhos
Para quem a alegria erma dos caminhos
É o angélico murmúrio duma oração.

E agora, oh Deus, oh Virgem, bendita seja
A recordação dessa alma que ali subiu;
E a mágoa que sempre em meus olhos flameja
Quando orando esquecido à porta duma igreja
Vejo 'inda essa vida que nova se extinguiu!

Cícero Dias